

Série- História da Arqueologia

PRONAPA - Uma História da Arqueologia Brasileira Contada Por Quem A Viveu –
Entrevistado - Prof.º Dr. Ondemar Dias em Janeiro de 2014

Por Jandira Neto (IAB, maio / 2014)

**O que foi o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)?
Quais os seus objetivos? Quem o fez acontecer? Qual sua importância para a
formação científica da Arqueologia Brasileira?**

Histórico

O nosso modo de “fazer” arqueologia, nasceu em função do nascimento da própria arqueologia brasileira.

As primeiras pesquisas arqueológicas no Brasil aconteceram na Região de Lagoa Santa, em Minas Gerais e foram desenvolvidas pelo norueguês Peter Lund ainda no século XIX. Lund é considerado o predecessor mais conhecido, mas outros como Roquete Pinto, José Antero Pereira Júnior, Angione Costa e tantos outros também podem ser citados como pioneiros.

Até 1954, o trabalho de arqueologia no Brasil era feito por pesquisadores amadores como Aníbal Matos e Helio Diniz, da Academia de Ciências de Minas Gerais. Mas naquele mesmo ano (1954) foi trazido para São Paulo o Congresso Internacional de Americanistas, quando se comemorava o IV Centenário daquela cidade, o que tornou este ano um marco da arqueologia brasileira. O Congresso foi a oportunidade de se reunir especialistas estrangeiros com pesquisadores brasileiros como Castro Faria do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que depois veio a ser seu diretor, José Loureiro Fernandes da Universidade Federal do Paraná, que fundaria o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) e Paulo Duarte do Museu Paulista.

Neste congresso, estes especialistas de então, tiveram a oportunidade de discutir a questão da cientificidade da arqueologia brasileira com os pesquisadores internacionais presentes e decidiram convidar esses e outros profissionais da área para dar cursos no Brasil. A ideia era simples: ao invés de tentar enviar pessoas

para estudar fora a alto custo, ficaria mais em conta trazer professores capacitados para o Brasil.

Com este intuito Jose Loureiro Fernandes fundaria em 1958 no Paraná o CEPA com o objetivo de formar pesquisadores brasileiros em arqueologia.

O primeiro arqueólogo a ser convidado para dar essa formação foi o americano Wesley Hurt (Indiana University) que trouxe as premissas da metodologia americana de campo, originando o primeiro movimento com viés mais profissional na arqueologia brasileira. Foram seus alunos Wilson Rauth (PR) e Oldemar Blasi (PR). Destes, o Prof. Wilsom Rauth foi o discípulo que adotou e adaptou o método para estudos em sambaquis brasileiros, enquanto o Prof. Oldemar Blasi passou a atuar no Museu Paranaense.

Em **1960** o diretor do CEPA convidou o casal francês Joseph e Anette Laming Empeaire , do Museu do Homem de Paris, para dar sequência ao projeto.

Foram alunos desses pesquisadores: Niede Guidon (SP), Luciana Palestrini (SP), Maria José Menezes (PR), Margarida Andreatta (SP), Maria da Conceição Beltrão (RJ). Nesta etapa do curso a pesquisa centrou-se no sambaqui do Guaraguaçu, no litoral paranaense.

Em 1962, após a morte de Joseph Empeaire, que faleceu em virtude de um acidente de campo em uma caverna na Patagônia, somente Madame Anette Empeaire (como ficou conhecida no Brasil) veio ao Brasil para dar o curso.

A turma de **1962** foi composta por Maria José Reis (PR), Margarida Andreatta (SP), Maria da Conceição Beltrão (RJ), Ignácio Schmitz (RS) e Alfredo Rohr (SC) (ambos padres jesuítas), Walter Piazza (SC), José Proença Brochado (RS), Silvia Maranca (SP), Andréia Loyola (MG) e **Ondemar Dias (RJ)**. Este grupo realizou suas pesquisas de campo no Sambaqui do Toral, no Sambaqui da Ilha dos Rosas II e na Gruta do Wobeto, indo do litoral de Antonina a Manoel Ribas, no segundo planalto paranaense.

Com estes dois cursos consolidou-se no país a metodologia de abordagem europeia, especialmente a minuciosa perspectiva francesa de trabalho. Em termos gerais, valorizou-se a abordagem de tratar o sítio do particular para o geral.

Em **1964** o casal convidado foram os americanos Clifford Evans e Betty Megers, arqueólogos da Fundação Smithsonian de Washington (EUA). Seus discípulos foram **Ondemar Dias (já pelo IAB)**, Walter Piazza (SC), Wilson Rauth e Igor Chmyz (PR), José Proença Brochado (RS), Silvia Maranca (SP), Valentin Calderon (BA), Mário Simões (PA), Fernando Altenfelder (SP), Nássaro Nasser (RN) e Heloísa Fenelon (RJ) pelo Museu Nacional.